PQ9261
.A578
Q3

QUANDO A FOLHA CAIR

FERNAND' ALMIRO

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.A578
Q3

a 00000 60473 2

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

| DATE DUE | RET. | DATE DUE | RET. |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Form No. 513

FERNAND'ALMIRO

# QUANDO A FOLHA CAÍR...

Episodio dramatico em verso
com prefacio de

MANOEL RIBEIRO

1923

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.021.567-67

RC
C
PQ9261
.A578
Q3

FERNAND'ALMIRO

# QUANDO A FOLHA CAÍR...

Episodio dramatico em verso
com um prefacio de

MANOEL RIBEIRO

Pap. e Tip. EMILIO BRAGA, Ltd.ª
59, Rua Nova do Almada, 61
:: :: : LISBOA — 1923 : :: ::

# PREFACIO

---

*O ensaio que este moço poeta nos oferece em brilhantes e cuidados alexandrinos é merecedor de acolhimento pela promessa esperançosa que todos hão-de ver nêle.*

*Fernand'Almiro mal começa a versejar e consegue já ter a intuição preciosa do equilibrio e da medida no desdobramento duma situação sentimental, e isso vemos neste pequeno episodio dramatico* "QUANDO A FOLHA CAIR".

*Singelamente concebido e singelamente escrito, a sua simplicidade encanta e consegue deixar uma terna emoção aos que não procuram os requintes torturados da sensibilidade mas uma calma impressão de suavidade serena.*

*O entrecho é triste, ou o poeta não tivesse vinte anos; mas não é desolador este drama sentimental pela gradação cuidada que o novel autor instintivamente soube usar.*

*Emfim, uma promessa esperançosa, promessa que o futuro tornará fecunda em bôas messes.*

*Lisboa, Janeiro 1923.*

**Manoel Ribeiro**

## PERSONAGENS

MARGARIDA DE S. GERMANO (irmã de Gabriel, 25 anos)
MARTA (rica proprietaria, 28 anos)
DOROTÊA (velha ama, 70 anos)
GABRIEL DE S. GERMANO (30 anos)
TIO MATEUS (feitor, 50 anos)

A ação passa-se na provincia da Beira Baixa

## ACTO UNICO

A scena representa o terraço dum velho solar.

A' direita ergue-se o corpo do edificio, cuja porta se abre para um pequeno patamar alpendrado, descendo-se para o terraço por cinco degraus de pedra.

Ao fundo da scena um pequeno varandim, tambem de pedra, corre da D. A. até á E. A. por cima do qual se avistam, a um lado uma extensa campina, a outro uma pequenina aldeia.

Da E. B. até á E. A. arvoredo. Na scena á D. B. um pequeno mocho e uma dobadoira com uma meada de linha. Ao C. F. uma comprida cadeira de braços.

E' manhã, ouve-se ao longe o sino da capela chamando alegremente para a missa. Nas arvores chilreia a passarada.

A' bôca de scena sentada no mocho está Dorotêa dobando linha.

Depois de subir o pano ouvem-se unicamente e por instantes o sino e os passaros.

Dorotêa sem largar o trabalho, suspira silenciosamente.

## SCENA I

DOROTÊA (*recordando*)

Ai como o tempo passa! Adeus ó mocidade!
Já lá vai o meu o tempo. E' tão triste a saudade!

(*puchando uma madeixa de cabelo e olhando-o*)

Tinha um lindo cabelo ondeado e lourinho,
Hoje, mudou de côr, (*triste*) são fios d'alvo linho!

(*sorrindo*)

E o fato domingueiro? Um corpete, uma saia,
Uma camisa branca e de fina cambraia,
Um lenço adamascado, a chinela atrevida...
E' tão bom recordar! Parece que dá vida!...
Chegou certo Domingo, era um dia de festa,

(*entra Mateus sem ser visto, pára junto ao varandim e escuta.*)

inda me lembra bem, linda manhã como esta,
Quando ao sahir da missa um moço bem par'cido
Que eu já tinha notado, e me tinha seguido,
Se chega á minha beira e me diz com voz dôce:
— Menina, por favor, se atrevido não fôsse
E me quizesse ouvir... — Que me quer o senhor?

## SCENA II

MATEUS (*avançando sorridente atalha*:)

Que oiça de confissão este meu grande amôr!...

DOROTÊA (*vendo-o, sobresaltada*)

Bom susto me meteu. Ah!...

MATEUS (*tirando-lhe o chapeu*)

Ora salve-a Deus!

DOROTÊA (*como quem sae dum susto*)

Que péça me pregou! Bom dia tio Mateus.

MATEUS (*chalaceando*)

Com que então nessa idade? Éra melhor tambem
Com netos, que sei eu; já duas vezes mãe...

DOROTÊA

E o tio Mateus que quer? Quando se chega a isto,

Sente-se cá bulir... (*indica o peito*)

MATEUS (*rindo*)

Mas então pelo visto

Foi grande a paixoneta? Um lindo namorado...

DOROTÊA (*meio formalisada*)

Ora não querem ver! Bom. Temos conversado

MATEUS (*troçando-a*)

Vejam que arrenegada! O' alminha de Deus
Isto foi a brincar...

DOROTÊA

Pois brinque lá c'os seus!

MATEUS (*já sério*)

Bom já se acabou. Não está hoje contente?
Alguma nova má? Passou peor o doente?

DOROTÊA (*noutro tom*)

Peor não, assim assim; acordou altas horas
A tossir, a tossir, mas tem hoje melhoras;
Assim nos disse á pouco o nosso bom doutôr...

MATEUS

Muitas vezes se engana aquel'mais sabedôr...
A mim ninguem me tira... ai... oxalá que não
Que a causa principal não seja o coração...

DOROTÊA (*convicta e levantando-se*)

Sofrer do coração ! Isso pode lá ser !
Veja bem tio Mateus, eu cá que o vi nascer
Mais á Margaridinha, e os trouxe aqui ao peito,
Que sempre o amimei por ser o meu eleito,
E que dei sempre fé de saude perfeita...
T'a agora sofrer p'ra ahi dessa maleita ! !...
Aquilo é mal do peito, é bicho que lá mina...

(*limpando uma lagrima*)

Meu pobre Gabriel, tem tido triste sina !

MATEUS

Enfim não digo nada, é melhor do que errar.
Mas, apezar de tudo, eu cá ía apostar
Que o mal é a paixão...

DOROTÊA

E eu tonta que julgava
Que era do coração que vomecê falava !
Pode bem ser que seja a causa do seu mal
Aquel' senhor Cupido. Ele é de marca tal
Que a gente não resiste á sua tentação.
El' nos léva a saúde, a alma e a razão.
E estou cá em dizer que desde que morreu
Aquel' santo senhor, que anda aqui Fariseu,
Bruxedo, alma penada. Isto era um Paraiso
E agora falta aqui até o mais preciso !...
Tem-se perdido tudo. A casa hipotecáda,
A vinha deu-lhe o mal, e a horta sem dar nada,
Perdeu-se todo o pão, morreu da junta um boi;
Nada d'isto é sequer a sombra do que foi !...

MATEUS (*comovido*)

Té corta o coração hoje lembrar-se a gente
Que em tempos se vivia aqui f'liz e contente !
Aquel' santo senhor que Deus tem em descanço
Faz aqui muita falta...

DOROTÊA

E eu cá tambem me canço.
Já cá tenho setenta e já não 'stou p'ra mais!
Mas eu que os vi nascer, que já servi os pais,
Tomei-lhes uma aquela, e a falar a verdade
A gente cá do povo em tomando amisade
Já não tem mão em si.

MATEUS

Parece que é feitiço
O afeiçoar-se a gente.

DOROTÊA

E creia que é por isso
Que por cá vou ficando. Acostumei-me a isto,
Pouco mais viverei, se me vou não resisto
A tão grande saudade. (*chora*)

MATEUS

E ahi 'stá vomecê
A afligir-se.

DOROTÊA

E' que quando a gente assim os vê
*Pranta-se* aqui um nó... (*indica a garganta*)

MATEUS

O' tia Dorotêa
Falemos doutra coisa

DOROTÊA

Er' essa a minha ideia.
Já foi hoje á cidade?

MATEUS

Agora vim de lá.

DOROTÊA

E ainda não me disse o que é que o traz por cá.

MATEUS

Bom! I'a-me esquecendo (*procura*) E a carta que aqui tinha?
Veja vocemecê. Eil-a aqui (*mostra-a*) se adivinha
Quem á pouco m'a deu p'ra trazer ao patrão.

DOROTÊA (*pega na carta, põe os oculos e olha-a*)

P'la letra não conheço. E' de *tabalião.*

MATEUS (*rindo alvarmente*)

'stá bem de ver que sim, pois foi el' que m'a deu!

DOROTÊA

Nada agoiro de bom. Talvez seja por eu
Estar sempre de má fé...

MATEUS

Ou não fosse mulher...

DOROTÊA

Enfim eu cá lh'a dou. Seja o que Deus quizer!

MATEUS

E agora vou-me á vida, o Sol já lá vai alto.
Vim por via da carta até aqui num salto,
E aqui fiquei *prantado* a dar á taramela.
Fique por cá com Deus. (*sai*)

DOROTÊA

Dê beijinhos á Néla.

## SCENA III

DOROTÊA (*olhando a carta nas mãos*)

Que quer o exquemungado aos meus qu'ridos meninos?
Estou capaz de abrir. Não faça desatinos
Senhora Derotêa! Então tenha juizo,
E não seja curiosa. Inda será preciso
Que eu me zangue consigo? Ora vá trabalhar!

(*avança para a dobadoira*)

## SCENA IV

(*Entra Gabriel muito palido encostado ao braço de Margarida*)

GABRIEL

Então que é isso ama? Estavas a ralhar?

DOROTÊA (*vendo-o, alegremente*)

Viva! Ora até que enfim que me sahiu do ninho.

GABRIEL (*inebriado*)

Oh, que linda manhã!...

DOROTÊA (*afectuosamente*)

Vai hoje melhorsinho?

MARGARIDA

Tossiu tanto esta noite!

GABRIEL (*com um sorriso triste*)

Isto vai quasi fino.

DOROTÊA

Tem graça sim senhor o meu rico menino.
Pois eu 'stava falando a mais os meus botões...

GABRIEL (*sorrindo*)

E que dizias tu a esses figurões? (*tosse*)

DOROTÊA

Nada... não era nada. Ahi 'stá a tossir.
Olhe, sente-se aqui (*leva-o á cadeira*) e faça por dormir,
Eu vou buscar a manta (*sai*)

## SCENA V

MARGÁRIDA

E' preciso ob'decer,
Aqui sou eu quem manda, o senhor não tem q'rer.

GABRIEL (*muito triste*)

Perdôa ao teu irmão ó pobre Margarida
Mas eu qu'ria morrer. Isto assim não é vida!
Eu já não posso mais! O meu mal não tem cura,
Oh! Deixa-me partir ou morro de secura!...

MARGARIDA (*chorando silenciosamente*)

O' que mau que tu és. Vês, fazes-me chorar...

GABRIEL

Perdôa manasinha, eu não sei disfarçar
O que me vai na alma. Esta febre d'amor...

## SCENA VI

DOROTÊA (*entrando com a manta*)

Eis-me de volta. (*põe-a nos joelhos*) Pronto! Agora sim senhor,
'stá mais aconchegado (*vendo Margarida a chorar*). Então temos tolice?
(*ameaça Gabriel*) Alguma este menino aqui me fez ou disse!...
Que foi que se passou? Que disse este brejeiro?

MARGARIDA (*desculpando-o*)

Lamentava coitado... a falta de dinheiro.

DOROTÊA

Não me deixo enganar assim c'uma patranha
Quando vieram ao mundo, era já forte em manha.

GABRIEL

Ouve ama. O bom Mateus já voltou da cidade?

DOROTÊA

Já veio e já se foi caminho da herdade.

MARGARIDA (*que estava olhando a cidade*)

Inda vai acolá, passando a Santa Marta.

GABRIEL

Que trouxe para mim?

DOROTÊA

(*dando-a*) Tenho aqui uma carta.
(*á parte*) Que dirá santo Deus?

GABRIEL (*abrindo-a*)

Ah! E' do tab'lião.
Não sei que me anuncia o inquieto coração
Que me bate apressado. Oiçamos o que quer:
(*lendo*) «Senhor. Neste meu cargo é-se ás vezes cruel
«E ao cumprir-se um dever faz-se odioso papel.
«Dou-lhe a triste noticia, e creia, com pezar,
«De ter ido hoje á praça o seu velho solar.»
O' que enorme desgraça. (*chora*) A casa de meus pais!
(*dando-lhe a carta*) Acaba Margarida eu já não posso mais!

(*Dorotêa sai furtivamente para que a não vejam chorar.*)

## SCENA VII

MARGARIDA (*sustendo as lagrimas*)

Coragem meu irmão, o golpe era fatal,
Ha muito que o previa, a f'rida era mortal !

GABRIEL

Continuai a leitura. Esvasiai dum trago
Esse calix de fel. Se um pingo cae num lago
Que já se encontra cheio e quasi a trasbordar,
Não creio que esse pingo o faça derramar !

MARGARIDA (*lendo*)

«E creia-me Você que eu avalio a dôr
«De passar São Germano ás mãos dum comprador
«'stá ultimada a venda e tambem liquidada
«A divida paterna.»

GABRIEL

Enfim não devo nada !

MARGARIDA

E que vai ser de nós ? Bem sei que não devêmos
Mas a maior verdade é que já nada temos !

GABRIEL

Enquanto for vivendo iremos mendigar.
Pedir por 'smola um pão não pode deshonrar.

MARGARIDA

Foi grande a tua dôr. Desváiras Gabriel ? !

GABRIEL (*exaltado*)

Não. Tenho o coração a trasbordar de fel !
Esp'rassem que morresse ! Ousarem vir cuspir
Na fronte dum cadaver ! Eu qu'ria poder rir,
Mostrar o meu orgulho ofendido e fidalgo,
Mostrar-lhes a dif'rença entre o rafeiro e o galgo,

Gritar-lhes o meu odio, a minha independencia,
E reduzem-me a isto. A' maxima indigencia !...

(*tosse e sufoca-se*)

MARGARIDA

Então, vamos, socéga.

GABRIEL

Ai pobre Margarida,
A toda esta miseria é que se chama vida !
Vai anda minha irmã que quero descançar.
Então, vai anda, vai, (*á parte*) para eu poder chorar !...

(*Margarida sai de olhos no chão e muito triste*)

## SCENA VIII

GABRIEL (*só*)

(*Fica olhando Margarida que se afasta até desaparecer no alto da escada, depois senta-se na cadeira e começa a chorar*)

Ai vida vida p'ra que me serves assim ?
Não me faças sofrer, nem 'scarneças de mim !
Se é preciso que môrra agora venha a morte
Mas esse anjo Senhor... que tenha melhor sorte !
Uma criança ainda assim ao desamparo,
Olhai Senhor, olhai, fazei nela reparo !

(*Fica abatido. No sino da egreja sente-se bater meio dia. 12 badaladas espaçadas. Levanta-se e fica olhando os campos*)

GABRIEL

Parai de mourejar ó povo abençoado,
Ide ao vosso jantar, meio dia é chegado.
(*pausa*) A conquista do pão pela força do braço
E a luta pela vida amarradas num laço !...

(*Vozes ao longe veem cantando até se aproximarem, afastando-se depois novamente. Gabriel fica estatico a olhar*)

VOZES

O' moças já deu meio dia } *bis*
O' moços folgai, folgai, }
Folgai ó moças que a vida } *bis*
E' mais curta do que um ai. }

Meu amor tanto me quer,
Meu amor te quero bem,
Por saber o teu amor
E' que eu te quero tambem...

Cantai cachopas cantai,
Como canta o rouxinol,
A cachopa sempre canta
Do nascer ao pôr do Sol.

Trigueirinha, trigueirinha
Deve ser toda a maçoila,
Se não gostar de trigueiro
Deve ser côr da papoila.

Meu amôr já foi á guerra
Mas meu amor já voltou,
O coração que me dera
Ao voltar cá encontrou.

O' moças já deu meio dia } *bis*
O' moços folgai, folgai, }
etc., etc.

GABRIEL (*com admiração*)

Só tu povo bemdito encaras a sorrir
Um florido horisonte ou um negro porvir!
Trabalhas a cantar e vives só do amôr
E's povo, bem feliz, não conheces a dôr!...
Mal rompe a madrugada aí vais trabalhar,
E então de Sol a Sol mourejas a cantar,
A Lua alveja a serra e tu mui descuidado
Lá voltas a cantar á noite no eirado!
A lhaneza do trato e o teu modo de ser
Coadunam-se tão bem que nós outros sem qu'rer
Buscamos em teu seio o bom repouso e a calma,
A vida, a paz, o amor, nossos enlevos d'alma!

Ai, não pertences tu ó ideal que sonhei
A' casta deste povo em que sempre me achei.
Ocupas outra classe, o teu porte é dif'rente
E tens um não sei quê que não tem esta gente.
Lhaneza e fidalguia, altivez e bondade,
Aqui mulher do campo e Deusa na cidade.
Como em tudo dífer' aquéla que a gente ama
D'outra qualquer que se olha, e que fica na lama.
E' na graça do andar, no seu sorrir tão fino,
Na forma de vestir, no seu olhar divino,
Na forma de falar, na côr dos seus cabelos...
E quando ela nos ama? Então os seus anhelos
Redobram de valor e vamos á porfia
Descobrindo um encanto, e outro, isto dia a dia...
Como deve ser bom a gente ser amado!
Senhor! Porque é a mim esse prazer vedado?
Ah! Deve ser talvez, sim, amar é viver
E eu sou um condenado e tenho que morrer!...

(*cai abatido na cadeira, encosta-se para traz e fecha os olhos*)

## SCENA IX

DOROTÊA

(*aparece no alto da escada e olha para a cadeira*)

Não o vejo d'aqui... 'stá a dormir talvez...

GABRIEL (*abrindo os olhos*)

Quem déra que assim fosse e por uma só vez!

DOROTÊA (*meio zangada*)

Já começa o menino ahi a malucar?!
Isto assim não vai bem, e eu cá entro a ralhar.
(*olhando a cidade*) Ora espera, acolá na estrada vem alguem
Venha cá ver menino, eu já não vejo bem.
(*Gabriel levanta-se*) Já vem quasi a chegar. Lá abriu a cancela.

GABRIEL (*alegremente*)

E' a menina Marta!

DOROTÊA (*fazendo das mãos quebra luz*)

A Martasinha ? !

GABRIEL (*surdamente*)

E' ela ! ! !

(*Encosta-se ao parapeito, muito palido, para não cair*)

## SCENA X

(*Entra Marta sem ver Gabriel e Dorotêa corre a recebel-a alegremente*)

DOROTÊA

Ora seja bemvinda ! E santo Deus que ausencia !
Ha mais dum ano já sem vermos Vossa Exc'lencia !
E como está mudada e muito mais formosa !

MARTA (*sorridente*)

Já basta Dorotêa ou fazes-me vaidosa.
Como vão cá por casa ?

DOROTÊA

O menino bem doente...

MARTA

Doente ele, mas que tem ? !

GABRIEL

Um nada felizmente.

Bem a menina Marta ?

MARTA (*com indiferença*)

Estou bem obrigada.

(*para Dorotêa*) Onde está Margarida ?

DOROTÊA (*indicando com a mão*)

Acolá assentada

A ler áquela sombra á borda da ribeira.

GABRIEL (*para Dorotêa*)

Vai dizer-lhe que venha. (*Para Marta*) Então uma cadeira
O caminho é comprido e deve vir cançada.

(*Dorotêa vira a cadeira para a frente, puxa-a mais á bôca de scena e sai correndo pela* E. A.)

## SCENA XI

MARTÁ

Não me cança

GABRIEL

Mas deve estar deshabituada...

MARTA

Percebo! Vem lembrar que ha muito cá não venho.

GABRIEL

Sim, talvez. E no entanto a dizer nada tenho;
Aqui vem quando quer...

MARTA (*indicando a cadeira*)

Mas sente-se o senhor,
Precisa mais do que eu, preciso do favor.

GABRIEL (*com tristeza*)

Encontra-me tão mal que meta dó assim?!
Que importa que esta vida ande a fugir de mim?
Que a garra do Destino ande a despedaçar
Aquilo que num dia a mente ousou formar?

MARTA (*ironica*)

'stá hoje péssimista assim dessa maneira?

GABRIEL

E' que eu vejo na morte á graça derradeira.
Quem sofre assim como eu dum cruel mal d'amor
Só começa a viver no reino do Senhor!...

MARTA (*escarninha*)

Que lindo pensamento! Uma visão de poeta!
Tive a ilusão que ouvia, agora um bom proféta!

GABRIEL

Não me escarneça Marta, e creia no que digo,
Vai ouvir uma historia e chorará comigo:

Havia ha já muito ano, aqui por estas serras
Um fidalgo mui rico e dono destas terras,
A quem a má fortuna em breve abandonou,
E então de mal a peor, a casa hipotecou.
Lembrou-se apoz do jogo a esp'rança derradeira
E o resto se afundou na grande montureira.
Perdido, alucinado, olhando os seus dois filhos
Chorava o pobresito e via os duros trilhos
Onde iam caminhar, sosinhos, desherdádos,
Os filhos que adorava, em breve abandonados.
E a penar, a penar, assim se foi finando,
Depois, subiu ao céu só miseria legando.
O filho era já homem, e deitou-se ao trabalho,
Mas para mourejar era de forças falho.
Ao regressar a casa um dia ele encontrou
Sentada numa pedra á beira duma estrada
Bem formoso modelo. Era a mulher sonhada!
Cortejou-a ao passar, volveram-lhe um sorriso,
Uma promessa vága, um quê quasi impreciso,
Mas foi quanto bastou para que nessa vida
Ficasse para sempre, essa imagem tão qu'rida!

MARTA (*sorrindo*)

Lembra-me vagamente assim par'cida historia.

GABRIEL

E' bem de crêr que sim se ainda tem memoria...
Assim passou muito ano sem que a tornasse a ver
Deixou de trabalhar, começou a sofrer.
El' nunca tinha amado, e foi dura a exp'riencia.
Um dia sua irmã foi consultar a sciencia,
E o pobre doente soube e quiz tambem ouvir:
(*n'outra voz*) — «Não ha nada a fazer, quando a folha cair
O fio de retroz que já mal o sustem
Creio que partirá e el' partirá tambem»...

MARTA

E já vem perto o Outôno...

GABRIEL (*tristemente*)

Inda mais perto o fim...
(*exaltado*) Mas não pode morrer este segredo em mim.
Que o corpo baixe á terra aliviado um pouco,
Deixai desabafar este grande amor louco
Ha tanto reprimido abrasando este peito;
Que morra aliviado embora insatisfeito!!!
Sei que vou pagar cára a minha exaltação
Mas dou-vos de presente enfim o coração!

MARTA

Reprimi a linguagem ou vejo-me obrigada
A mandar-vos calar a lingua desbragada!

GABRIEL

Que me importa senhora o vosso despotismo?
E antes que o meu amor se suma no abismo
Haveis d'ouvir o resto. Haveis de me escutar
Ainda mesmo que eu vos tenha de obrigar!
Já avancei demais para retroceder,
Já me céga a paixão, tenho a cabeça a arder!
(*avança para ela*) Senhora! Dai-me um beijo e morra de seguida
Um beijo, um beijo só! Que seja a despedida!

MARTA (*recuando*)

Insolente p'ra traz! (*indica-lhe a saída*) Saí do meu solar!

GABRIEL (*num grito*)

Ah! Marta! Fôstes vós, vós que ousastes comprar
O derradeiro abrigo, a ultima morada,
Que a outra, a terra dura... essa é abençoada!

(*tem um grande ataque de tosse, sufoca-se e arranca o colarinho*:)

Expulso como um cão! O' céus! que vos fiz eu
Para que esta mulher assim roube o que é meu?
O' casa onde nasci não te posso deixar!
Senhora! tende dó... deixai-me aqui ficar!
Mas por Deus, estou louco? O' ceus enlouqueci?!...
Abaixar-me a pedir? Fui eu que a of'reci,
Direi a toda a gente; ela era minha amante
E dei-lha de presente. E vereis d'ora avante
A minha maldição curtar-vos o caminho!
Cuspir-vos-hão na face e então rirei baixinho!
Eu amava-te muito, era 'inda mais que amor
Chegára á adoração. Hoje fazes-me horror...
Odeio-te mulher quanto te amava á pouco!
(*noutro tom*) Perdoa-me que morro! Eu sou um pobre louco!
Já não sei o que digo... adeus visão fatal!
(*exaltado*) Que a minha maldição te dê vida infernal!
O' casa onde nasci já não te verei mais!...

(*ampara-se sufocado ás costas da cadeira depois de levar as mãos ao peito. Com vóz estrangulada*:)

Mulher sem coração!... Sois bem todas iguais!...

(*cai morto na cadeira*)

## SCENA XII

MARGARIDA (*entra correndo, contente*)

Marta! querida Marta! O meu irmão?

MARTA (*surdamente*)

Partiu!

(*Margarida e Dorotêa soltam um grito de dôr, correm á cadeira e abraçam-se ao corpo a soluçar.*)

O outôno não chegou... e a folha já caíu!!!...

(*O pano desce lentamente*)

FIM

Ex|22

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
*000000604732*